

ARTE E GRAFIA DO ENSINAR: Processos criativos que evocam pertencimentos étnico-raciais na arte educação

Luana Karen de Lira Monteiro¹
Prof. Dra. Renata Viana de Barros Thome²

RESUMO

Este trabalho trata de alguns relatos de experiências que brotam do estudo de grafismos indígenas. O estudo em questão acontece na escola pública, ensino fundamental, no Estado do Rio Grande do Norte. Parto de uma análise descritiva de uma série de atividades que estão nos territórios de estudo da Arte indígena (em busca de seus amplos e atuais entendimentos), e através desses relatos miro na intenção de tecer diálogos sobre as contribuições da arte para uma educação pautada no reconhecimento histórico e cultural dos povos originários. Além disso, objetivo trazer a urgência de colocar em prática algumas premissas previstas nos documentos normativos que são a lei 11.645 de 2008, e a própria Base Nacional Curricular Comum (BNCC), quando trata especificamente do componente curricular das Artes. Serão discutidos alguns dos pontos que o Eisner (2008) traz para pensar a contribuição da arte para educação, dando destaque a colocação de que "Os limites do nosso conhecimento não são definidos pelos limites da nossa linguagem" (Eisner, 2008 p. 12). E, quando falamos de linguagens artísticas, estamos nos referindo a um infinito território de criação de formas de expressão, inclusive de linguagens ainda por serem criadas. É nesse universo de possibilidades de compreensões, representações e interpretações, que pretendo trilhar caminhos de discussão para tentar enriquecer o campo de pesquisa da educação através da arte. Nutrir ideias, dúvidas, nutrir processos. Em especial àqueles comprometidos com às questões dos povos originários, com o processo de formação histórico, cultural e social de nosso país, e, de preferência com àquelas histórias e referências que não devem ser esquecidas.

Palavras-chave: Arte educação, Grafismos indígenas, Lei 11.645, Base Nacional Curricular Comum, Arte.

INTRODUÇÃO

O relato que busco desenvolver nesse trabalho surge a partir da descrição de algumas atividades, em especial, a de criação de desenhos e estampas tendo como referência grafismos indígenas. Miramos no objetivo de dar destaque à educação enquanto um lugar potencial de discutir e despertar o interesse acerca das temáticas étnico raciais nas

¹Mestranda do Curso de Mestrado Profissional em Artes (PROFARTES) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, luanalirarn@gmail.com

² Professora e orientadora do Curso de Mestrado Profissional em artes (PROFARTES - UFRN), renata.viana@ufrn.br

escolas. Aqui em especial, demonstraremos a potencialidade das disciplinas artísticas para o trabalho de retomar alguns desses conhecimentos e trazer para dentro das salas de aula, e, a partir da experimentação, pesquisa e criação, despertar o interesse acerca da história de formação de nossas culturas e identidades originárias.



Imagem 01: Grafismo em baixo relevo criado pelos estudantes.

As atividades em questão, que aqui serão demonstradas, foram realizadas todas nas escolas da rede estadual de educação, sendo portanto, um marco importante para discutir o trabalho educacional de base inegociável que acontece nas escolas públicas, que garantem o acesso universal à educação. Aqui, estamos nos referindo a um conjunto de atividades que aconteceram na Escola Estadual Alberto Torres, uma instituição de

ensino fundamental de anos finais, que há pouco passou pela transição de tornar-se uma escola integral.

A partir desse momento de transição, que aqui não caberá nos tomar muito tempo, surgiram diversas mudanças, desafios e possibilidades. Uma das maiores possibilidades, e podemos dizer, potencialidades do ensino integral, é a adição de tempo para algumas disciplinas, como por exemplo: Ateliê de Linguagens Artísticas, Esporte, Saúde e lazer, e Estudo Orientado, por exemplo.

Ao menos para a disciplina de Artes, a possibilidade de ter mais tempo de trabalho trouxe resultados e mudanças positivas na rotina/aprendizado dos estudantes. Bem como, um tempo para desenvolver com mais calma e mais liberdade as atividades artísticas que demandam um maior tempo de dedicação, ou possuem várias etapas, aprofundou nossa experiência de criação em sala de aula.

Arte e Grafia do ensinar, é, portanto, um relato construído com base na metodologia de pesquisa educacional baseada em artes, A/r/tografia. Onde buscamos mostrar alguns dos resultados e discussões que vislumbramos no caminho de trabalhar questões tão necessárias para compreender e impulsionar o pensamento crítico no que tange questões complexas de nossa sociedade, principalmente àquelas ligadas às lutas políticas, territoriais, poéticas e de (re)existência dos povos originários de nosso país. Principalmente, em um estado como o Rio Grande do Norte, que perpetua em seu senso comum (e em inclusive alguns discursos historiográficos) o discurso de que nossos povos indígenas foram dizimados.

Em resposta a isso, para esse fazer artístico pedagógico, trago como caminho o desenvolvimento do olhar sensível (proposto e discutido amplamente quando se fala em artes) e a percepção do mundo que está ao redor, principalmente tendo como parâmetro as novas relações sociais e de aprendizagem frente às tecnologias digitais . Esse objetivo em questão, dialoga com o Art. 32 da LDB (Lei nº 9394/96), o qual nos guia para um trabalho educacional pautado na compreensão do ambiente natural e social.

Ora, a sociedade brasileira é formada por complexas redes culturais desde sua formação. Para uma visão mais ampla dos desafios e do entendimento das epistemologias culturais que brotam dessa complexidade, aponto como uma necessidade educacional trazer abordagens diferentes para trabalhar materialidades a partir da arte, bem como estimular

uma compreensão maior da cultura e do histórico cultural do contexto no qual estamos inseridos, por isso a escolha do tema parte de proposições acerca de etnicidade, diversidade, identidade e pertencimento histórico.

Essa atividade além de desenvolver habilidades técnicas, analíticas, aprimora um olhar sensível e coloca em potencialização âmbitos motores, âmbitos da memória e da percepção do uso de tecnologias da informação para ampliar habilidades previstas nos documentos normativos educacionais; à exemplo, um trecho da Base Nacional Curricular Comum (BNCC), quando trata especificamente das áreas artísticas: “A aprendizagem de Arte precisa alcançar a experiência e a vivência artísticas como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores” (p.193). Tais ações, aliadas com a mediação da professora que agrega conceitos e mostra referências, demonstra como a prática do projeto transita entre diferentes modalidades formativas (BARBOSA E COUTINHO, 2013).

Seguindo no processo de criação da atividade, foram apresentados diversos referenciais para que os estudantes pudessem discutir e criar a partir das proposições feitas e do material apresentado. Foram escolhidos múltiplos conceitos e discussões, a partir das diversas linguagens de expressões disponíveis do meio social, demonstrando como as criações de arte indígenas contemporâneas trazem proposições e apresentam diversas possibilidades em todas as áreas artísticas.

Esse momento de contextualização e ampliação de referenciais é fundamental no processo de criação, pois desloca a arte daquele local da genialidade, da emoção e da espontaneidade, que podemos identificar nos conceitos-chave da tendência formativa “arte como expressão” apontados por Barbosa e Coutinho (2013), e demonstra que o processo criativo é na verdade um percurso de busca, de pesquisa, e de demarcar o que está sendo produzido na sociedade, o que já foi produzido historicamente, e realocar tais saberes em conferência com o que estamos buscando de nossas próprias criações. Os artistas em especial ao qual demos maior enfoque foram: Daiara Tukano e Jaider Esbell, uma vez que os dois são grandes nomes das linguagens artísticas e visualidades que brotam das matrizes indígenas de nosso país.

Como estrutura básica das atividades propostas foram traçados alguns conhecimentos que são considerados como fundamento inicial e indispensável para uma compreensão mais ampla da temática. Foram discutidos pontos da História indígena brasileira e

Grafismos, símbolos e identidades indígenas a partir de aulas expositivas, tendo como proposta de discussão os seguintes questionamentos: Será que a arte indígena continua a mesma de tempos atrás? O que caracteriza uma arte indígena? Quais símbolos percebemos, e quais linguagens artísticas são apresentadas ao estudar esse tipo de arte?

Tais discussões têm como objetivo abordar os principais paralelos entre a arte tradicional indígena (produzida através de procedimentos passados de geração em geração) e a arte que vem sendo produzida no tempo atual, na qual artistas, escritores e produtores indígenas enfrentam e habitam novas complexidades no que diz respeito à ferramentas, procedimentos, exposições, etc.

Para realização das atividades foram utilizados recursos como fotografias, vídeos, entrevistas, áudios e materiais artísticos. E tecnologias digitais como computador, projeção, som, bases de pesquisa online. Além disso, para uma avaliação do processo ensino/aprendizagem foi feito um caminho de forma contínua, considerando a participação, o envolvimento, autonomia, coletividade, compreensão dos conceitos abordados e a produção dos projetos artísticos finais dos envolvidos.

Por fim, vamos dar bastante enfoque às imagens das produções, pois como previsto na metodologia que buscamos abordar nesse trabalho, a arte, a imagem, os rabiscos do percurso dizem tanto quanto o texto em palavras, e irá nos ajudar a adentrar no território poético de uma aprendizagem que pretende-se criativa, livre e experimental.



Imagem 02: Impressão das estampas criadas em aula.

METODOLOGIA

Teorizar educação é imergir em alguns questionamentos que ela nos traz, principalmente quando tratamos de arte educação. Podemos afirmar que, nessa pesquisa vamos tentar dialogar com as inconclusões, processos, caminhos e experimentações. Por se tratar de uma pesquisa que habita um espaço de confluência entre arte e educação, bem como trata de um campo teórico/prático rodeado de conceitos como: processos, criação, experimentação e etc., vamos acionar metodologias que estão presentes no âmbito da pesquisa educacional baseada em artes, em especial, a A/r/tografia tal como esboçada por Irwin e Springgay (2008).

A A/r/tografia nos oferece uma metodologia multidimensional ao abordar diretrizes para pesquisa educacional a partir de fundamentos como a criatividade reflexiva, dando espaço para discussões que brotam do potencial educacional das várias formas de expressão artística. Por ter como um de seus fundamentos a integração do autoconhecimento e da reflexividade no percurso da pesquisa, esse método adapta-se às discussões que buscamos desenvolver nessa investigação, uma vez que nos interessa a construção de uma reflexão educacional consciente de suas localidades étnicas, culturais, históricas e sociais, pois tais aspectos influenciam significativamente as análises e os recortes de uma pesquisa que pretende-se qualitativa, com a aplicação de práticas e ações no campo educacional.

Tal metodologia pertence ao âmbito das pesquisas educacionais baseadas em artes. É um tipo de método que busca compreensões mais amplas das dimensões da pesquisa, principalmente através de linguagens artísticas. Na pesquisa artográfica entende-se “o poder da imagem, do som, da performance e da palavra, não separados ou ilustrativos um dos outros, mas interligados [...]” (Irwin, 2013, p. 29).

Essas dimensões da arte são convocadas para uma ampliação das significações do que acontece na investigação, mas também como parte da composição textual, do corpo da pesquisa. A ligação de elementos e formas qualitativas de pesquisa (levantamentos, coleta de dados, entrevistas, observação participante etc.), bem como de maneiras artísticas de criação (pintar, desenhar, criar diários de bordo, fotografar etc.), se complementam nesse método dando origem a possibilidades poéticas no percurso investigativo.

Inicialmente foram realizados levantamentos teóricos de artistas que abordam os temas de identidade, multiculturalismo e diversidade étnica em suas criações. Interessou-nos ouvir, ler e referenciar a voz daquelas e daqueles que embasaram as discussões das relações étnico raciais em criações artísticas

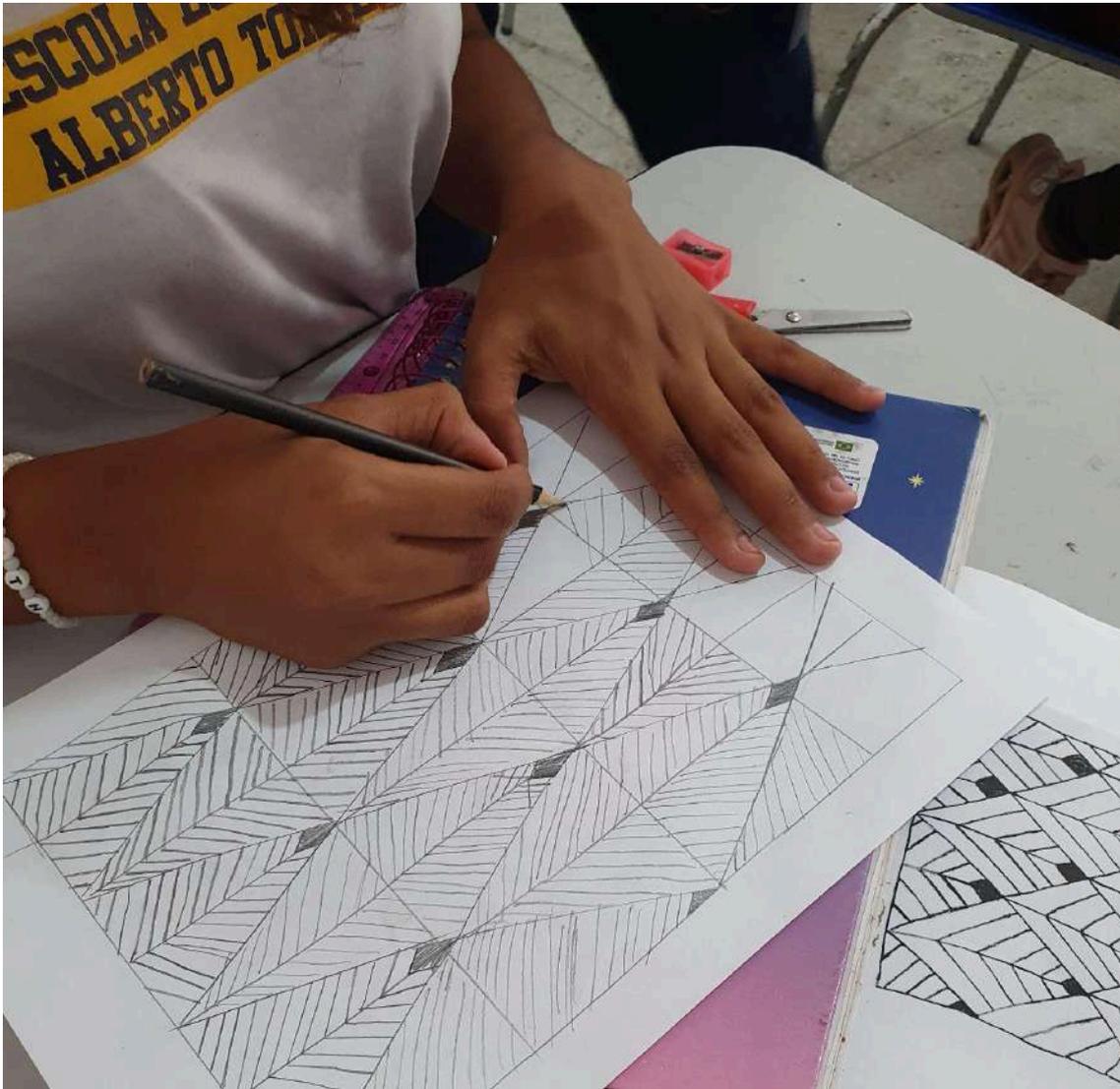


Imagem 03: Demonstração do estudo de grafismos.

Em seguida, foram realizadas proposições artísticas/educacionais (aplicando o caráter de intervenção previsto no método) com um público infanto-juvenil na escola estadual Alberto Torres. Tais proposições foram feitas a partir do desenho de grafismos, e da criação de gravuras em baixo relevo, que mais tarde tornaram-se estampas. Essas foram as principais atividades aqui discutidas, porém houve também o conhecimento e a experimentação da pintura corporal.

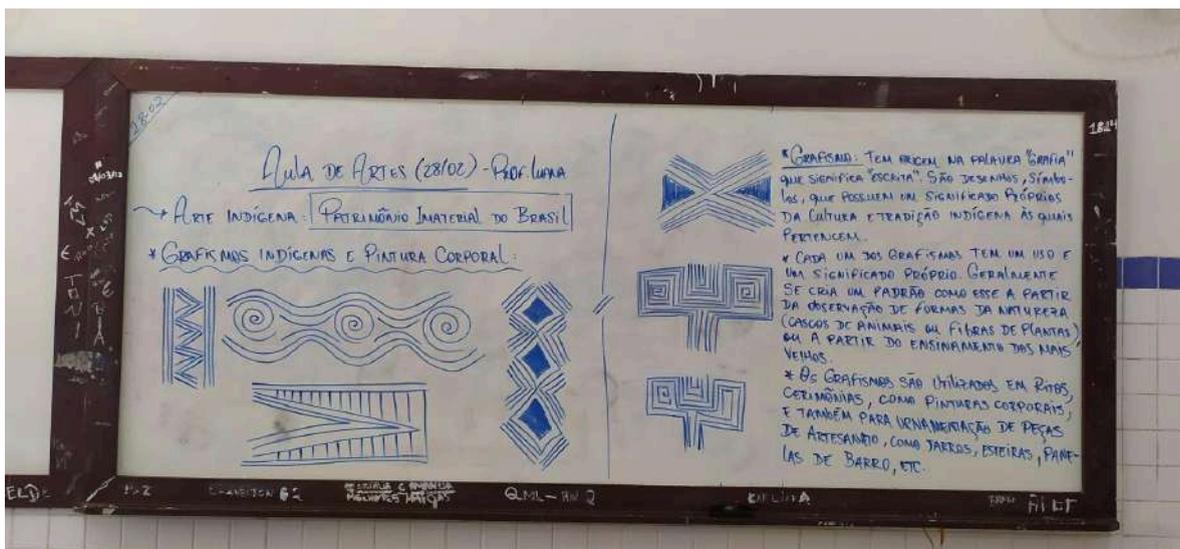


Imagem 04: Exemplo de alguns conteúdos e grafismos apresentados em aula.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



Imagem 05: Criação de grafismos em baixo relevo com barbante no suporte de papelão.

As artes nas escolas definitivamente podem assumir vários papéis e serem utilizadas como caminhos educacionais. Podemos pontuar algumas de suas funções de grande valor social como registrar, comunicar, representar e, inclusive, ornamentar. No entanto, não devemos nos ater apenas às suas funcionalidades objetivas e práticas, existem

valores e estados educacionais que podem ser atingidos a partir de conceitos que são originalmente artísticos, como a contemplação, a experimentação e a subjetivação.

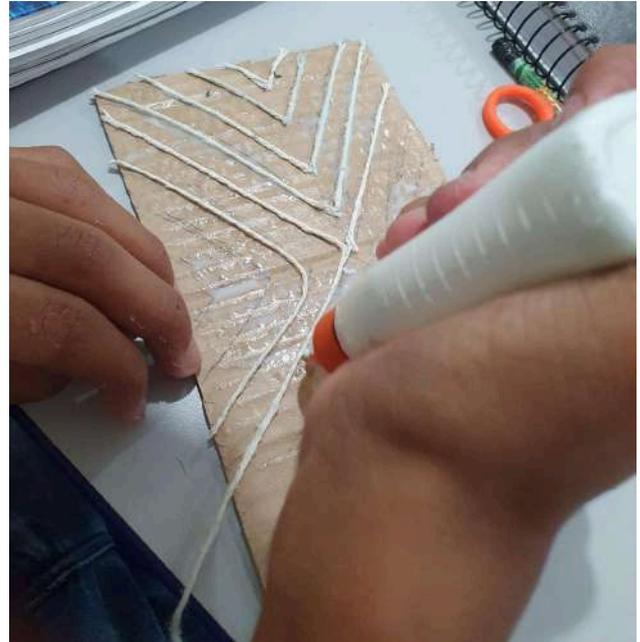
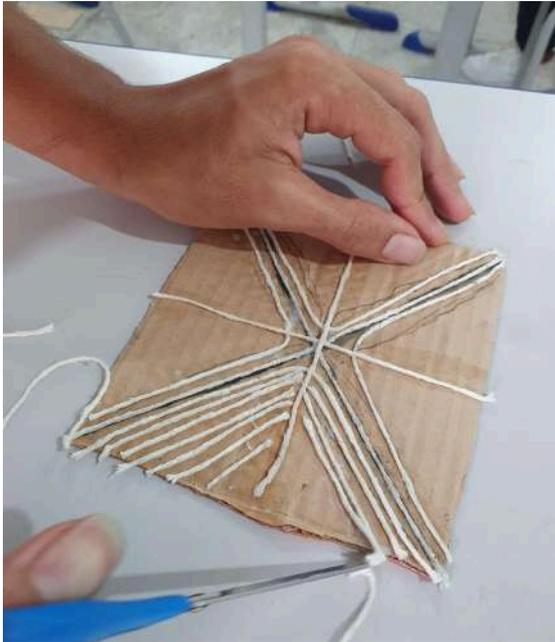


Imagem 06 e 07: Percurso de criação das gravuras em baixo relevo.

Se educar está diretamente ligado à questões sobre a vida em sociedade como cidadania, justiça, equidade, socialização, direitos e deveres, a arte é um dos caminhos fundamentais que precisa ser percorrido; é preciso olhar, criticar e experienciar o mundo artisticamente para a construção de uma sociedade humana e saudável, uma vez que para além do sentir, com a arte podemos compartilhar, criar, reinventar, e expor nossas opiniões de forma ativa, refletindo também no meio social e coletivo.

Nesse compasso, chamo atenção para a convergência entre educação e arte colocado por Coutinho (2018, p.130):

pode-se entender o saber de uma aula pelo menos de duas formas: como conteúdo escolar propriamente dito, selecionado do repertório de conhecimentos mais amplo de uma determinada disciplina; e como aquilo que emerge das relações que cada pessoa estabelece com esse conteúdo, a partir da distância que a própria pessoa abre e ajusta entre si e o saber. Essa segunda forma, que está mais afinada com uma didática da improvisação, aproxima o aprender a um conjunto de signos espaço-temporais: não necessariamente o espaço que ocupamos, mas o espaço que nos ocupa; não necessariamente o tempo que habitamos, mas o tempo que nos habita, nas relações que ambos (espaço e tempo) nos permitem estabelecer com o saber.

Interessa-nos as possibilidades de criação, os saberes que nascem dos processos e das relações. Interessa-nos o jogo, as experiências, as frustrações, as sensibilidades, as

interpretações, as presenças, as realidades que fazem parte do ensino/aprendizagem/pesquisa.

Na fruição do cotidiano das escolas atento, para a diversidade, para as maneiras de enunciação, de interpretação e compartilhamento dos saberes. São os gestos, as maneiras de comunicar, os estilos, as performances. Passa o corpo a ocupar espaços, recriar, reviver e compartilhar ações carregadas de significados, trazendo-os para a transformação frente aos atuais desafios que se esboçam nas dimensões sociais e, no caso de nossa discussão, educacionais. Eis que o corpo se transforma em estado de criação, lança movimentos, gestos, toques, olhares. Mas aqui, cabe-nos perguntar: Quais referências estamos acionando em sala de aula?

Para compor esse caminho na pretensão de observar o que pode uma educação sem fronteiras, mas que sabe muito bem seu lugar de origem, colho referenciais que contemplem em seus relatos, registros, escritos ou obras, noções sobre: Arte, ancestralidade, educação, multiculturalidade, raça e identidade.

Tais dimensões temáticas que caminham junto com meus questionamentos enquanto pesquisadora, e são evocados no intuito de revisitar as dimensões do pertencimento étnico-racial em processos educativos, o compromisso com o território, com a terra e com a natureza. Considero urgente o resgate e o tratamento de questões sobre justiça social, e quais os possíveis papéis da arte, de artistas, da educação e de seus componentes ao tratar de questionamentos tão urgentes e caros à educação contemporânea, à sociedade como um todo. Por isso dedico um certo cuidado ao esboçar em sala falas vivências e experiências daqueles que vem bem antes de mim, peço inclusive licença (como de costume dos espaços de comunidades tradicionais aos quais pertenço) para citar seus nomes, e aponto que faz parte de meus objetivos acadêmicos contribuir ainda mais, bem como fazer juz aos referenciais que trago em minhas proposições criativas em sala.



Imagem 08 e 09: Resultado de algumas criações.



Imagem 10 e 11: Estampas de impressões.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho nasce, então, de questionamentos que tem como objetivo ampliar o entendimento sobre as repercussões das aulas de artes na sala de aula, e principalmente sobre trabalhos realizados na escola pública que trazem como fundamento questões sobre ancestralidade, identidade e cultura. Temos como foco o conhecimento da área de produção artística indígena brasileira, bem como o entendimento de como a contemporaneidade (e todas suas mudanças, complexidades e ferramentas) está inserida nesse lugar, e quais são as ferramentas e conceitos manuseados pelos artistas/referenciais indígenas.

O estudo da arte que tem origem nas matrizes indígenas brasileiras é imprescindível e faz parte de exigências que estão em documentos normativos educacionais, no entanto, percebemos ainda um conhecimento superficial desse tipo de produção. Essa trabalho além de discutir as repercussões de processos pedagógicos com enfoques multiculturais, tem como premissa que as aulas de artes são espaço para desenvolver habilidades técnicas, aprimorar olhares sensíveis e colocar em questão a identidade e a participação ativa dos envolvidos, dentre outras habilidades previstas nos documentos normativos educacionais; à exemplo, um trecho da Base Nacional Curricular Comum (BNCC), quando trata especificamente das áreas artísticas: “A aprendizagem de Arte precisa alcançar a experiência e a vivência artísticas como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores” (p.193). Tais ações, aliadas com a mediação docente, são discutidas a partir dos entendimentos de como a prática pedagógica na arte educação transita entre diferentes modalidades formativas (Barbosa e Coutinho, 2013).

Os processos de criação que aqui foram interpretados são provenientes de uma busca intensa por referenciais que geralmente estão às margens dos currículos, são conteúdos que brotam dos cotidianos e vivência das presenças em sala de aula, de vários lugares, de várias culturas. Conteúdos para chamar a atenção, a identificação e também uma aproximação dos educandos com os conceitos apresentados.

O momento de contextualização e ampliação de referenciais é fundamental no processo de criação artística e também no processo de ensino em artes, pois desloca o fazer artístico daquele local da genialidade, da emoção e da espontaneidade, que podemos

identificar nos conceitos-chave da tendência formativa “arte como expressão” apontados por Barbosa e Coutinho (2013), e demonstra que o processo criativo é na verdade um percurso de busca, de pesquisa, e de demarcar o que está sendo produzido na sociedade, o que já foi produzido historicamente, e realocar tais saberes em conferência com o que estamos buscando de nossas próprias criações.

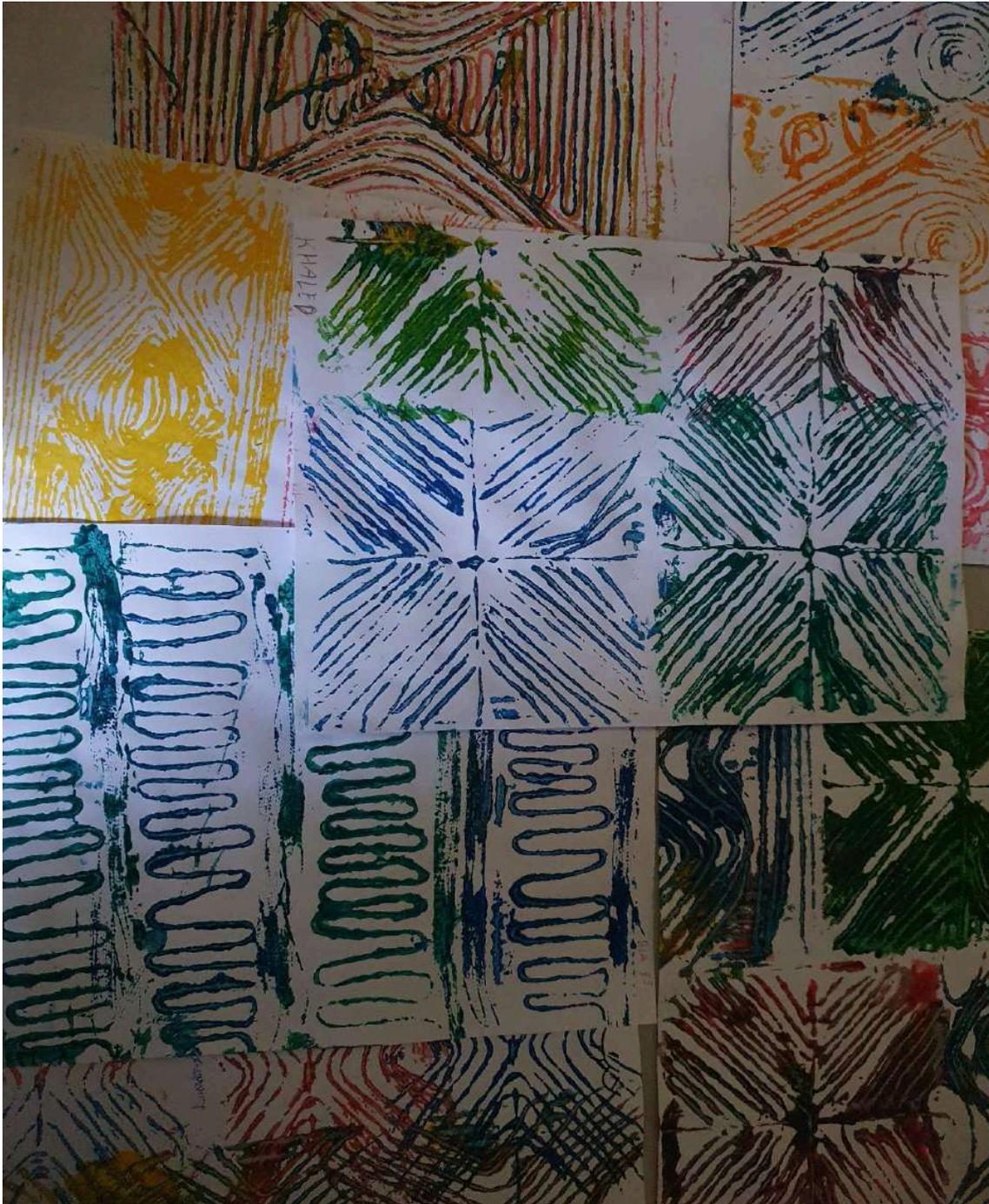


Imagem 12: Resultado das impressões. Observação: esse tipo de gravura pode ser impresso em diversos suportes.

REFERÊNCIAS

AGUIRRE, Imanol. **Teorías y Prácticas en Educación Artística**. Barcelona: Octaedro, 2009.

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (orgs.). **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo. Editora UNESP, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 13 agosto 2024.

BREDARIOLLI, R. **A globalização Requerida: Narrativas descoloniais da arte/educação do Brasil-mundo**. Revista Portuguesa de Educação Artística, p. 58-76, 2018.

EISNER, Elliot W. **A Educação Artística e a Formação do Gosto**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

EISNER, Elliot W. **The Arts and the Creation of Mind**. New Haven: Yale University Press, 2002.

_____. EISNER, Elliot W. O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação. In: CURRICULUM SEM FRONTEIRAS: Revista Internacional de Educação, v. 8, n. 2, p. 28-49, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol8iss2articles/eisner.pdf> . Acesso em: 09 de junho de 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GOMES, Nilma Lino. **Relações Étnico-Raciais, Educação e Descolonização dos Currículos**. *Currículo sem Fronteiras*, v. 17, n. 2, p. 198-215, jul./dez. 2017. Disponível em: http://www.apeoesp.org.br/sistema/ck/files/5_Gomes_N%20L_Rel_etnico_raciais_educ%20e%20descolonizacao%20do%20currículo.pdf >. Acesso em: 09 de junho de 2024.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NÚCLEO DE ESTUDOS NEGRO. **Multiculturalismo e a Pedagogia Multirracial e Popular**. São Paulo: Editora XPTO, 2022.